

Histórias da antropologia visual: apontamentos e reflexões

João Martinho de Mendonça ¹

Resumo

Esse artigo procura formular alguns apontamentos sobre a história da antropologia visual no Brasil com base em perspectivas de ensino e pesquisa vivenciadas nas últimas décadas. A efervescência experimentada em fins do último milênio, quando diversos laboratórios e núcleos foram criados nas universidades brasileiras, é refletida a partir do momento atual, quando o desenvolvimento rápido de novas tecnologias tornou ainda maiores os desafios iniciais dessa área. Traz também notas históricas e questões de uma pesquisa fotográfica em andamento junto à Universidade da Califórnia, Berkeley, de maneira a recuperar elementos para uma reflexão mais ampla. Como pensar, pois, sobre o lugar das imagens nas instituições e museus antropológicos, bem como, atualmente, nos mais diversos sítios eletrônicos, amplamente acessíveis a partir da rede mundial de computadores? O conjunto das questões apresentadas convida a reafirmar a necessidade de novas pesquisas em diversas frentes, com consequentes reconfigurações nos debates relativos ao desenvolvimento dos usos das imagens nas ciências sociais, especialmente na antropologia.

Palavras-chave: fotografia; antropologia visual; história da antropologia; Brasil; Estados Unidos.

Histories of visual anthropology: notes and reflections

Abstract

This first aim of this article is to point out some notes on the history of visual anthropology from Brazil, based on teaching and research perspectives experienced in the last decades. The effervescence of the end of the last millennium, when several laboratories and research centers were created in Brazilian universities, is reflected from the current moment, when the rapid development of new digital technologies made the initial challenges in this area even greater. It also brings historical notes and questions from a photographic research in the University of California, Berkeley, in order to recover elements for a broader reflection. How to think about the place of images in anthropological institutions and museums, as well as, nowadays, in the most diverse electronic sites, widely available from the world wide web? The whole set of questions presented invites to reaffirm the need for new research on several fronts, with consequent reconfiguration of the debates related to the development of the uses of images in social sciences, especially in anthropology.

Keywords: : photography; visual anthropology; history of anthropology; Brazil; United States

¹ Professor do Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Introdução

Em 1999 foi publicado pela editora universitária da UFRGS o livro *Imagem em foco: novas perspectivas em antropologia* (ECKERT & MONTE-MÓR, 1999). A novidade, apresentada na época, refletia o trabalho de vários pesquisadores envolvidos com essa área no Brasil, iniciado já há mais de uma década, em diálogo, principalmente, com as perspectivas de antropologia visual desenvolvidas na França, nos Estados Unidos e na Inglaterra. Marc Piault² formulou, na época, o sentido dessa novidade nos termos seguintes: “(...) a antropologia audiovisual abre novos campos de exploração e novos terrenos, o que significa, sem dúvida, uma nova maneira de conceber a antropologia” (PIAULT, 1999, p. 15).

Duas outras publicações anteriores, de 1995, podem ser tomadas como marcos históricos e expressão da verdadeira efervescência das imagens nas ciências sociais brasileiras em fins do milênio passado, especialmente na antropologia. Trata-se, primeiramente, do número especial da Revista *Horizontes Antropológicos* dedicado à antropologia visual (ECKERT & GODOLPHIM, 1995). Era então o segundo número desse periódico, o qual se apresentava na linha de consolidação dos trabalhos desenvolvidos na pós-graduação em antropologia pela UFRGS. No mesmo ano vinha da gráfica da UERJ o primeiro número de um periódico, desta vez, exclusivamente dedicado à antropologia visual e suas interfaces, os *Cadernos de Antropologia e Imagem* (PEIXOTO E MONTE-MÓR, 1995).

Entre aquele momento e o atual se passaram mais duas décadas. Nesse meio tempo, diversos e relevantes esforços podem ser notados

no que diz respeito à discussão sobre a história da antropologia visual, a partir das experiências de pesquisadores de universidades brasileiras, entre outros: Samain (2005), Caiuby Novaes (2010), Ferraz & Mendonça (2014), Eckert & Rocha (2016) e Mendonça (2016)³.

Fatores específicos ajudaram a fomentar e articular a produção da área, ao nível nacional, desde os debates para implementação do roteiro de classificação chamado “Qualis audiovisual” junto à CAPES e do Comitê de Imagem e Som da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais, até as diferentes edições do *Prêmio Pierre Verger* de vídeo etnográfico, o qual passou a incluir a categoria “ensaio fotográfico” a partir de 2002. Em sua edição de 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia, através de seu Comitê de Antropologia Visual, lançou edital para sua primeira Mostra de desenhos etnográficos, ampliando ainda mais os limites de um campo ainda muito marcado pela relação com o realismo fotográfico e o cinema documentário.

Ao mesmo tempo, nas últimas décadas, o enorme impacto das tecnologias informatizadas ocupou espaços de discussão importantes em toda parte, levantando e fazendo avançar, por exemplo, questões sobre etnografia e métodos virtuais (HINE, 2005), *Políticas etnográficas no campo da cibercultura* (SEGATA & RIFIOTIS, 2016) ou sobre a presença indígena no ciberespaço (PEREIRA, 2012). Além de tantas outras interfaces da antropologia com a comunicação e com as artes visuais, as quais podem ser percebidas na série de proposições de Grupos de Trabalho para as reuniões da ABA⁴ ao longo destes anos todos. Dessa maneira, a efervescência que podia ser sentida duas décadas atrás, em função do interesse pelos usos das

2 Posteriormente, em 2006, Piault colaborou diretamente numa das primeiras mostras mais abrangentes do cinema de Jean Rouch no Brasil, promovida pela ABA na reunião de Goiânia, quando surgiu a oportunidade de conhecê-lo melhor e ouvir suas memórias de 1968 na França, ao longo de uma visita guiada ao Museu Antropológico da UFG.

3 Indico também dois vídeos do projeto “Conversas sobre antropologia visual”, com depoimentos dos Profs. Roque Laraia e Március Freire, acerca do desenvolvimento da antropologia visual no Brasil. Disponíveis em: <https://vimeo.com/user15354817>. Acesso em 30 dez 2019.

4 No seu sítio eletrônico a Associação Brasileira de Antropologia disponibiliza acesso integral aos anais das suas reuniões bienais, bem como outras diversas informações, vídeos, canais e publicações. Disponível em: www.abant.org.br. Acesso em 30 dez 2019.

imagens, contudo, parece ter gerado uma certa dispersão, como se a novidade, uma vez passada a moda, perdesse um pouco de seu interesse para dar lugar a novas preocupações. Se eram outros caminhos possíveis e novas aberturas, entretanto, ainda assim não deixavam de passar pelas imagens.

A questão de fundo que este artigo levanta para ser repensada, portanto, diz respeito a saber qual o alcance da suposta expansão do campo no Brasil, observada em meados dos 1990s, e como enfrentar as dificuldades surgidas daquilo que ocorreu nestas duas últimas décadas: a difusão notável e crescente das tecnologias de internet e das imagens-sons-textos que aí são veiculadas a partir de redes digitais e servidores diversos. Como reconhecer, acompanhar e alimentar reflexões específicas que foram desenvolvidas, desde então, para dar conta desse campo movido e fluído, cujos limites e extensões se transformam incessantemente? Em que medida ainda é necessária a consideração da fotografia e do cinema, cada qual com suas especificidades históricas, como momentos decisivos de reconfiguração dos métodos antropológicos? Como abordar a produção teórica a partir do campo da antropologia visual?

Se considerarmos, sobretudo, que não é adequado pensar que seu desenvolvimento segue uma linha reta, correspondente ao desenvolvimento histórico dos “aparelhos” (FLUSSER, 1985), sucessivamente: de fotografia, cinema, vídeo-TV, computação-internet, então a articulação das diferentes especificidades, dificuldades e potencialidades abertas a cada novo momento tecnológico se torna uma tarefa bem mais complicada do que parece. Significa que é necessário conceber diferentes caminhos, desde uma “antropologia visual fotográfica” (SAMAIN, 1998) a uma “antropologia audiovisual” (PIAULT, 1999) ou a uma “antropologia fílmica” (FRANCE, 1998) e assim por diante⁵. Entretanto, sem perder de vista uma discussão mais ampla,

capaz de articular o conjunto proporcionado por estas diversas reestruturações nos modos de conceber e praticar antropologia, por sua vez, atravessado pelas questões éticas, estéticas, epistemológicas e políticas que caracterizam a reflexão antropológica contemporânea pelo menos desde os anos 1980s.

A esse desafio de pensar e articular diversas histórias possíveis da antropologia visual, assim amplamente concebida, esperamos proporcionar algumas breves notas sobre o contexto brasileiro para, em seguida, passar ao tema da formação de coleções fotográficas como campo de pesquisa antropológica.

Dos espaços universitários e do lugar das imagens no ensino e na pesquisa

Gostaria de voltar ao primeiro livro mencionado aqui (ECKERT E MONTE-MÓR, 1999), cuja organização em 4 sessões, por si mesma, poderia representar uma possível linha de discussão para as questões que esbocei mais acima: 1 sobre caminhos e perspectivas, 2 sobre o oral, o textual e o visual, 3 sobre a construção da imagem e 4 sobre a mídia em foco. Nessas 4 vertentes estão dadas já algumas bases possíveis para retrospectivas críticas mais atuais. Na sessão sobre a mídia, no entanto, restrita à mídia televisiva, precisaríamos acrescentar as possibilidades complementares progressivamente abertas pela internet, em termos de produção, distribuição e interatividade. Em meio aos vários caminhos possíveis assim abertos, faremos aqui somente alguns breves apontamentos.

Para enfatizar a perspectiva do ensino, cabe destacar, doravante, algumas passagens do artigo “Espaço de uma antropologia audiovisual”, de Marc Henri Piault (da sessão 1). O autor fez a seguinte observação, se referindo aos programas de ensino de Antropologia Visual na França:

(...) Quando existem, se apresentam frequentemente

5 Tim Ingold, por exemplo, em seu livro original de 2011, propõe uma “antropologia gráfica” na qual procura superar uma dicotomia ou “polaridade” entre imagem e texto, que ele entende como tendo sido estabelecida pela “antropologia visual” por oposição à “etnografia escrita” (INGOLD, 2015, p. 262).

de forma caótica e embrionária e dificilmente se reúnem num mesmo processo de formação, práticas, técnicas e reflexões teóricas. Deve-se constatar a dispersão dos filmes e dos arquivos, suas condições de consulta escandalosamente onerosas ou seletivas. Praticamente, não existem cinematecas, videotecas ou fototecas acessíveis, que garantam a qualidade dos documentos ali conservados e que permitiriam aos estudantes e aos pesquisadores percorrer verdadeiramente esse campo ainda amplamente desconhecido e excessivamente protegido. Mesmo as bibliotecas universitárias na França, dificilmente possuem o essencial da produção escrita referente a esse domínio. (...) (PIAULT, 1999, p. 15)

Ao refletir estas constatações nas experiências brasileiras, mais de vinte anos depois, temos um quadro não muito distante, por mais significativas que tenham sido as realizações dos últimos anos. Mesmo ao considerar o crescimento de uma ampla rede de antropologia visual motivada pelo Comitê de Antropologia Visual da Associação Brasileira de Antropologia⁶, ou as diversas experiências de ensino e pesquisa, juntamente com publicações e periódicos surgidos⁷, há que se reconhecer muitas falhas e avançar no enfrentamento dos problemas. Desde as mudanças advindas das políticas mais recentes na CAPES, aos desafios internos de um campo ainda relativamente disperso, tanto quanto abrangente em suas diversas definições possíveis, resta muito ainda por fazer.

O esforço de reunir e refletir elementos históricos desse campo, numa ex-colônia, situada num território de proporções continentais como o Brasil, se torna ainda maior, se quisermos fazer jus às diferentes experiências regionais e locais. Nesse sentido, a seguinte observação de Piaux, a partir não só da experiência francesa, seria aqui também apropriada:

Constato, com efeito, que as experiências nacionais qualificam e identificam como objetos de reflexão fenômenos bem diferentes. O que, em consequência, coloca na ordem do dia quais são e o que significam as preocupações e as referências que se apresentam às vezes singularmente distantes em diferentes países. (...) (PIAULT, 1999, p. 15)

Como pensar, por exemplo, nas preocupações e nas referências que motivaram a inclusão do ensino de antropologia visual nos novos cursos de graduação e pós-graduação em antropologia, surgidos nas duas últimas décadas, seja em Roraima, na Paraíba, no sul do Rio Grande do Sul, como também nas demais regiões e estados brasileiros? Cada qual, certamente, com suas particularidades dignas de nota, em termos dos processos coloniais originários, das condições sócio-econômicas atuais e do desenvolvimento da fotografia, do cinema e do próprio ensino superior. Em que medida, portanto, podemos falar de uma antropologia visual no Brasil sem levar em conta essa ampla gama de experiências, nem sempre conhecidas ou visibilizadas, quando passamos de um lugar ao outro? Seja numa mesma cidade, estado ou região. Se podemos, assim, falar em uma expansão desse campo nas universidades brasileiras, quais seriam as dificuldades para sua consolidação ao nível nacional?

Pensem, brevemente, no estado de São Paulo⁸ entre os anos 1980s e 1990s. Vimos o notável desenvolvimento do ensino e de pesquisas antropológicas associadas à criação (1991) e consolidação do Laboratório de Antropologia Visual da Universidade de São Paulo (LISA-USP), o qual teve nas experiências da Inglaterra, sobretudo nos trabalhos de Paul Henley, uma referência importante, entre várias

6 Site do Comitê de Antropologia Visual da ABA. Disponível em: www.abant.org.br. Acesso em 20 dez 2019.

7 Ver, por exemplo, a série de publicações do Museu do Índio, levando ao público amostras substanciais de seus acervos imagéticos, como também o surgimento de novas revistas (*Cadernos de arte e antropologia*, por exemplo) bem como espaços de publicação para ensaios visuais e filmes em revistas existentes.

8 Em várias universidades paulistas têm sido desenvolvidas linhas de trabalho que dialogam, em maior ou menor medida, com a antropologia visual, dentro e fora das ciências sociais; uma história mais detida seria capaz de trazer à tona estes diferentes movimentos experimentados entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

outras, inclusive a obra de Jean Rouch. Ao passo que, no mesmo estado, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), desde 1984 vimos desenvolver-se no Instituto de Artes o Programa de Pós-Graduação em Multimeios, da área de comunicação, com uma proposta multidisciplinar que incluiu o ensino e a pesquisa em antropologia visual. Em meio às diversas referências mobilizadas, havia certa ênfase nas experiências francesas, onde trabalhos como os de Claudine de France ou os de Philippe Dubois (1994) e Sylvain Maresca (1996) tiveram considerável relevo.

Surgia, assim, em 1998, a publicação de *Cinema e antropologia* (FRANCE, 1998 [1982]), livro traduzido pelo Prof. Március Freire e publicado pela editora da Unicamp, que condensa a proposta de uma “Antropologia fílmica”. Um acontecimento isolado se constatarmos que nem um livro mais antigo de David MacDougall (MacDOUGALL, 1998), ou tão pouco livros mais recentes de Sarah Pink (2009, 2015) (para ficar apenas em duas referências importantes para o campo) tiveram edições brasileiras. Essa ausência de traduções de obras completas (sejam em inglês e francês mas, também, de publicações em espanhol, que reflitam experiências da América Latina) segue ainda como um dos entraves para maior avanço desse campo no Brasil. Como, portanto, esperar que um diálogo maior possa frutificar entre experiências de diferentes estados e regiões, quando não temos ainda sequer condições de amplo acesso⁹ à bibliografia internacional? Eis uma das falhas que podemos constatar.

Se admitirmos que o aprendizado da antropologia visual deva ocorrer desde a graduação, edições brasileiras completas de livros da área se tornam um imperativo. Por outro lado, impossível negar o amplo acesso que vimos acontecer, na última década, aos livros, antigos

e novos, digitalizados ou já criados em formatos digitais, bem como aos mais diversos tipos de imagens e sons. Plataformas digitais de tradução online encontram-se facilmente acessíveis. Um novo momento tecnológico se descortinou, além disso, com a difusão dos aparelhos smartphones e suas interfaces mais intuitivas. À discussão sobre manipulação televisiva, se somam hoje preocupações acerca de disparos de mensagens em massa, que circulam nas telas de celulares. Ou seja, cada vez mais, cada pessoa porta consigo um “terminal”, por onde recebe e envia dados rapidamente¹⁰. Nunca as imagens haviam tido a possibilidade de circular tão ampla e velozmente de maneira a serem produzidas e vistas simultaneamente por tanta gente, seguramente um passo adiante do contexto antigo das emissões televisivas.

Ao mesmo tempo, não será que as imagens históricas de cada lugar, grande parte das vezes, quando não perdidas, mereceriam mais análises e considerações sob o ângulo de um olhar propriamente antropológico? Que dizer, então, de velhas fotografias produzidas por antropólogos, às vezes jamais publicadas? Como repensar, pois, o lugar da fotografia histórica e etnográfica nesse novo momento das tecnologias digitais? Voltar às fotografias antigas esquecidas seria um modo de recuperar trilhas de pesquisa talvez precocemente abandonadas? Em que medida conhecer experiências fora do Brasil poderá contribuir aos nossos desafios internos? Tais questionamentos amplos, que ainda não encontrarão respostas neste artigo, tem por intenção estimular reflexões e novas investigações. Eis algumas outras notas de pesquisa.

Coleções fotográficas e sítios eletrônicos em Berkeley

9 Seja por falta de traduções ou pelas dificuldades de aquisição de livros importados em licitações públicas pelas universidades.

10 Nessa frase procurei evocar uma certa “visão terminal da humanidade” (FLUSSER, 2008, p. 192); as reflexões de Vilém Flusser no livro *Universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade*, servem de base à perspectiva que procuro esboçar aqui, em relação às sucessivas tecnologias imagéticas, da antiga fotografia aos smartphones com suas câmeras miniaturizadas.

Pesquisas anteriores haviam nos levado das imagens etnográficas produzidas no Brasil, por Roberto Cardoso de Oliveira (MENDONÇA, 2000; SAMAIN & MENDONÇA, 2000) e Curt Nimuendaju (MENDONÇA, 2002), aos contextos das publicações de imagens antropológicas nos Estados Unidos por Margaret Mead (MENDONÇA, 2005, 2006) e por Robert Lowie-Curt Nimuendaju (MENDONÇA, 2009). Essa última parceria, com diversas etnografias produzidas e compartilhadas entre o Brasil e os Estados Unidos na primeira metade do século XX, foi um dos pontos de partida do projeto sobre as coleções fotográficas e antropológicas da Universidade da Califórnia, em Berkeley.

A começar com Robert Lowie, cuja obra foi orientada a partir do conceito de cultura que emergiu dos trabalhos de Franz Boas desde o século XIX. Tal como Alfred Kroeber, pioneiro fundador do Departamento de Antropologia em Berkeley, em 1901, Lowie, assim como Margaret Mead, recebeu seu doutorado em Columbia, sob orientação do mesmo Boas. Lowie, já na década de 1920, juntou-se então a Kroeber em Berkeley:

(...) Alfred L. Kroeber ofereceu à Lowie uma posição como professor visitante associado no Departamento de Antropologia da Universidade da Califórnia, Berkeley, Lowie passou ao quadro efetivo em 1921. Ele se tornou professor titular em 1925, frequentemente alternando com Kroeber a chefia departamental. Ensinou em Berkeley até sua aposentadoria em 1950. (...) (BANCROFT LIBRARY, 1997, p. 3)

Em consonância com a Criação do Departamento de Antropologia da Universidade da Califórnia em Berkeley (1901), duas outras instituições teriam lugar. O Museu de Antropologia (mais tarde chamado Museu Robert Lowie e então depois novamente renomeado para Museu Phoebe Apperson Hearst, homenageando sua fundadora) e a Biblioteca Bancroft, formada a partir das coleções reunidas pelo livreiro

Hubert Howe Bancroft (1832-1918). Franz Boas sabia da importância do trabalho iniciado por Alfred Kroeber, pois no estado da Califórnia, situado no oeste, fronteira com o México, temos a ocorrência de diversas populações nativas, o que leva esse estado a ser comumente conhecido por ser portador da maior diversidade étnica dos EUA.

Uma enorme quantidade de arquivos antropológicos tem sido acumulada desde então. Como as imagens fotográficas tomam parte nestes arquivos? Como se dá a formação das coleções fotográficas e suas especificidades em relação a outros tipos de documentação? O pesquisador Ira Jacknis, do Museu Phoebe Hearst, notou que:

(...) Até aproximadamente os anos 1980s, coleções de arquivos eram separadas conforme o tipo de meio, um processo comum na administração de coleções que pode ter um efeito enorme no modo como estas coleções são entendidas. A biblioteca Bancroft, por exemplo, recebia papéis e manuscritos, enquanto o Museu Hearst preservava artefatos, fotografias, filmes e registros sonoros. (...) (JACKNIS, 2014, p. 203)

Os trabalhos de Jacknis (1996, 2000, 2014) permitem entender melhor as relações entre estas duas instituições que funcionam dentro da UCB¹¹ e a maneira como diferentes coleções podem ter sido separadas em dois ou mais conjuntos. Inclusive as coleções de antropólogos que trabalharam em Berkeley (como Robert Lowie, Alfred Kroeber, George Foster e outros). Por outro lado, Jacknis relata ainda as diferentes exposições fotográficas organizadas num espaço específico do Museu Phoebe Hearst, criada a partir de 1991 e inicialmente chamada *Visual Anthropology Gallery*, renomeada para *Looking at culture* em 1995. Essa mudança do nome foi pensada "(...) to sharpen and clarify the public perception of the museum's work with photographs and its significance." (JACKNIS, 2014, p. 205).

11 Passarei a referir doravante UC para designar Universidade da Califórnia e UCB para Universidade da Califórnia, Berkeley.

O trabalho de curadoria fotográfica nessas exposições do Museu, realizado por Ira Jacknis, com diferentes equipes ao longo dos anos, reforça por sua vez as aproximações entre arte e antropologia. A própria opção pela assinatura da curadoria das exposições, “(...) ao invés de serem sustentadas numa espécie de autoridade anônima e institucional (...)”, é um exemplo dessas aproximações. Para Jacknis “(...) Isso também foi uma resposta aos desafios críticos mais recentes em relação à noção de ‘autoridade etnográfica’ (CLIFFORD & MARCUS, 1986).” (JACKNIS, 2014, p. 205) Como um tipo de trabalho antropológico efetivamente concebido para um público mais amplo, para além dos circuitos de especialistas acadêmicos, a curadoria de exposições constitui uma das frentes por onde o conhecimento antropológico se faz presente e acessível no espaço urbano.

Por outro lado, a formação de coleções fotográficas mantidas pela Instituição Cultural *Heyday*¹² forma outro foco de interesse na pesquisa¹³. Assim como as práticas fotográficas de membros de populações nativas. A mencionada *Heyday*, com mais de 30 anos, tem sido responsável pela publicação de livros assinados por nativos da Califórnia, bem como por um periódico específico, o *News from Native California*, onde fotografias são utilizadas regularmente. Os livros *She sang me a good luck song: the californian indian photographs of Dugan Aguilar* (HARLAN, 2015) e *First families: a photographic history of California Indians* (FRANK & HOGELAND, 2007) são exemplos da produção fotográfica de índios nativos da Califórnia.

Se imagens produzidas ou reunidas em contextos não antropológicos formam, assim, outro tipo de coleções fotográficas, então em que medida podemos entender suas próprias formas de organização e gestão? Como e quais seriam as relações possíveis de serem estabelecidas

entre imagens dessas diferentes coleções? Como relacionar as perspectivas diversas que presidem cada coleção, a saber, antropológica (*Phoebe Hearst Museum*), histórica (*Bancroft Library*) e editorial/jornalística (*Heyday*), através das coleções fotográficas?

Como, pois, pensar o lugar de todas estas imagens como parte de uma dinâmica que acompanha tanto os processos de desenvolvimento urbano e cultural como, também, nesse mesmo âmbito, o próprio desenvolvimento da história da antropologia visual em Berkeley? Como encontrar imagens e narrativas que permitam construir um percurso entre as diferentes coleções, os sujeitos aí implicados e a cidade em que se encontram? Seria possível ampliar nosso entendimento da maneira como povos diferentes das Américas podem ser visualizados e concebidos a partir destas coleções fotográficas?

Uma consulta rápida às coleções catalogadas¹⁴ nos faz descobrir milhares de fotografias associadas não só a povos nativos da Califórnia mas também de outros lugares. Em que medida é possível pensar em tais imagens como uma memória visual desses diferentes povos, sejam nativos ou que migraram para o território americano? Entender como as práticas antropológicas participaram e participam da maneira como tais populações foram ou são visualizadas e/ou expostas a partir das metrópoles ou grandes cidades (em exposições ou outros contextos)? Saber, enfim, em que medida tais coleções fotográficas são concebidas em conexão com instituições universitárias e práticas museológicas, em associação com políticas de formação e de desenvolvimento de estados nacionais?

A problemática noção de fotografia antropológica e seu lugar no entendimento dos processos de visualização da experiência

12 Heyday publishes around twenty-five books a year, founded two successful magazines—*News from Native California* and *Bay Nature*—and has taken a lead role in dozens of prominent public education programs throughout the state.(...)”. Disponível em: <https://heydaybooks.com/history-of-heyday/>. Acesso em 30 dez 2019.

13 O qual tem relação direta com os movimentos nativos de “revitalização cultural” (JACKNIS, 1996).

14 Três plataformas eletrônicas permitem acesso às informações sobre as coleções da UC: OAC (*Online Archive of California*), *Oskicat* e *Calisphere*.

etnográfica, seja historicamente como também nos dias de hoje nos leva às demais questões seguintes. Primeiramente, como pensar a natureza da imagem em geral e especificamente da imagem técnica, sem nos furtarmos às considerações oriundas da comunicação e da semiótica fotográfica (DUBOIS, 1994; MACHADO, 2015) tanto quanto de ontologias e fenomenologias das imagens (BERGER, 1972; BAZIN, 1983; BENJAMIM, 2018; BARTHES, 1980; ROUILLE, 2009)?

Em segundo lugar, mais especificamente, como pensar a prática fotográfica (sem desconsiderar suas relações com o cinema e as atuais tecnologias digitais) como categoria antropológica? Em que medida podemos vê-la associada, a um só tempo, a pelo menos três instâncias de investigação. 1ª, Aos contextos etnográficos e às utilizações/elaborações posteriores em livros, exposições, filmes, sites, etc. 2ª Aos autores e suas concepções e práticas fotográficas, em certa medida marcadas por suas formações teóricas. 3ª, Às memórias, artes e identidades dos sujeitos retratados historicamente, com suas formas próprias de auto *mise en scène*, suas perspectivas e agências em face da produção de imagens e de suas utilizações posteriores. Ponto onde questões de ordem ética e da decolonização da antropologia se fazem presentes (EDWARDS, 2016; PINK, 2001). Há ainda o problema da percepção pública das imagens das coleções, saber em que medida, pois, diferentes públicos, não identificados diretamente com os povos ou assuntos retratados, mostram interesse, buscam acesso e se relacionam com estas imagens.

Dessa maneira, espera-se delimitar de forma exploratória, nesse amplo universo oferecido pelos arquivos, um caminho em meio às coleções, para experimentar e perceber, internamente e externamente, os processos de gestão e utilização de imagens antropológicas em diferentes contextos, como partes da história da antropologia visual em Berkeley. De que

maneira, pois, os modos de representação fotográfica nessas diferentes coleções podem ser considerados como forma de analisar especificidades de cada coleção? Sejam em relação às perspectivas de trabalho de seus autores, de modo geral, como também em relação às teorias antropológicas, quando forem produzidas em contextos efetivamente etnográficos e históricos.

Para além da pesquisa documental, interessa também perceber de que maneira imagens das coleções fotográficas antropológicas podem ser percebidas e apropriadas, não só pelos povos que são representados nessas coleções, mas também por outros agentes envolvidos. Sejam gestores, pesquisadores diversos ou mesmo funcionários técnicos responsáveis pelas imagens nas instituições, sejam moradores e frequentadores em geral, advindos de escolas, universidades ou de outros lugares. Como o notável avanço das tecnologias computacionais nas últimas décadas pode ser aí equacionado, em termos das condições de acessibilidade a estas imagens?

Neste sentido, cumpre notar o estado avançado dos processos de digitalização e gestão digital das diversas coleções que constituem não apenas o acervo do Museu *Phoebe Hearst* e da Biblioteca *Bancroft*, mas de todo um conjunto de instituições e arquivos em diversas cidades do estado da Califórnia (Online Archive of California)¹⁵. Fator que viabiliza para público amplo o acesso aos catálogos e itens reunidos e classificados ao longo do tempo. Por outro lado, as questões sobre as condições de formação, acesso e disponibilização de imagens se recolocam novamente, a partir dos processos de digitalização e armazenamento digital das imagens arquivadas. O que esta espécie de sobrevida digital das antigas imagens analógicas pode ainda revelar? Em que medida se relacionam com imagens digitais produzidas hoje? Em poucas palavras, como entender melhor as acomodações, reacomodações e perturbações das imagens dentro da prática da antropologia,

15 Disponível em: <https://oac.cdlib.org/>. Acesso em 10 jan 2019.

com suas histórias, arquivos e horizontes futuros?

Algumas outras questões básicas se impõem. Como abordar o processo no qual os grupos retratados no passado antropológico se tornaram agentes de suas próprias representações? Atualmente, seja nos EUA como no Brasil ou em outros países, os grupos étnicos não só reivindicam suas imagens do passado como também produzem cada vez mais suas próprias representações¹⁶, geralmente alçadas à rede mundial de computadores. Em que medida, por outro lado, uma história da antropologia visual teria alguma relevância para os movimentos indígenas contemporâneos?

Num artigo dedicado às práticas fotográficas de Alfred Kroeber, cujas imagens encontram-se arquivadas no Museu *Phoebe Hearst*, Ira Jacknis faz a seguinte observação sobre os usos atuais das fotografias antigas: “(...) Povos nativos são hoje os mais interessados e dedicados usuários destas coleções etnográficas (...)”, na medida em que as coleções do museu constituem “(...) fontes para a imagem visual dos californianos nativos (...)” (JACKNIS, 1996, p. 28). O interesse pelas imagens de Kroeber surgiram mais recentemente e suas fotografias foram publicadas, por exemplo, no jornal *News From Native California*, editado por Malcom Margolin a partir dos 1990s. Dessa maneira, além do uso de fotografias etnográficas em toda uma série histórica de publicações antropológicas da UC¹⁷, outros espaços de circulação destas imagens surgiram mais recentemente em Berkeley.

Observa-se, assim, a superação do paradigma “salvacionista” que marcou a produção antropológica na primeira metade do século, “(...) o fim do período do salvacionismo Boasiano (...)” . O que relaciona-se ao protagonismo gradualmente assumido pelos povos indígenas, cada vez mais ativos na elaboração de suas próprias representações políticas e culturais a

partir dos 1960s, quando começa a surgir “(...) um novo paradigma centrado na revitalização e na resistência cultural (...)” (JACKNIS, 2000, p. 138).

Em que medida, pois, podemos pensar a reutilização de imagens etnográficas e históricas, à luz de paradigmas mais recentes? Como se dão os processos contemporâneos de digitalização de coleções e quais as suas implicações em termos de restituição e repatriamento? Questões, enfim, de uma pesquisa em andamento, cujos resultados poderão servir para chamar atenção aos arquivos fotográficos e antropológicos situados no Brasil. Onde uma antropologia visual fotográfica pode contribuir com novas maneiras de pensar a própria história da antropologia. Quando se faz necessário ultrapassar a concepção da imagem fotográfica como documentação visual daquilo que se pretendeu representar.

Retomadas

Mas como desenvolver possibilidades “de exploração heurística pela imagem e pelo som” (PIAULT, 1999, p. 15)? A centralidade das coleções fotográficas é um caminho promissor? E quanto às relações com as imagens fílmicas? Como pensar os rumos e os contornos de tantas possíveis histórias da antropologia visual? Para diversas questões levantadas poucos elementos foram apontados. A intenção foi sobretudo instigar novas pesquisas e provocar reflexões. Mas podemos pensar, por ora, que a pesquisa fotográfica, tanto quanto a pesquisa em antropologia visual, se realizam também na medida em que ocorre aquilo que Marc Piaux chamou de “passagem à imagem” (PIAULT, 1995), ao refletir sobre o impacto do cinema na história da antropologia:

(...) a decodificação não é mais somente da ordem

15 Disponível em: <https://oac.cdlib.org/>. Acesso em 10 jan 2019.

16 Valentini refers the “general intensification of self-documentation practices” as a part of nowadays communication conditions, “this facilitated the documentation of Indigenous peoples by themselves and for themselves” (VALENTINI, 2018).

17 Série da qual faz parte a monografia de Curt Nimuendaju sobre os Tikuna (NIMUENDAJU, 1952).

dos objetos percebidos, fixados no eterno recomeço das imagens registradas. Ele [observador] visa, também, o sistema de valores que ordena a escolha das imagens, a escolha dos ângulos, dos quadros e das distâncias.

(...) A passagem à imagem supõe um acesso a esta imagem como composição, senão como resultante de uma negociação, de uma transação entre os agentes e sua fabricação. (PIAULT, 1995, p. 28-29)

Nessa passagem, a escrita deixa de ter o papel principal sem, contudo, jamais ser abandonada. Ao invés disso, é reencontrada, ganha outras funções e dinâmicas, o que pode levar a etnografia visual a se parecer, ou pelo menos a dialogar, um pouco mais com o atual universo das informações digitais, onde convivem músicas, frases escritas, paisagens sonoras, depoimentos orais, artes gráficas, montagens, etc.. Universo este que tem sido também pensado a partir da noção de hipermídia (RIBEIRO & BAIRON, 2007; ROCHA & ECKERT, 2015).

Um desafio sempre válido está no reconhecimento dos diferentes métodos visuais, ainda que reconfigurados, de maneira a caminhar rumo à elaboração das possíveis especificidades do olhar e do conhecimento antropológico. Tarefa impossível sem uma atenção mais detida às diferentes histórias das diversas experiências já acumuladas no Brasil e no mundo. Se para Piault, o “elo que uniu a antropologia e o cinema” mereceu um debate mais aprofundado, o mesmo pode ser dito em relação ao elo que liga a fotografia à antropologia (SAMAIN, 1998) e suas “histórias paralelas” (PINNEY, 1996). Sem essas duas frentes tão pouco avançamos em direção às novas tecnologias eletrônicas (vídeo, TV) e digitais (computadores, smartphones) e seus diversos impactos na vida social e no fazer antropológico.

Buscar, portanto, diferentes perspectivas de pesquisa integradas, as quais levam a entrever, num mundo marcado pela explosão de informações, os diferenciais que uma visão antropológica das sociedades pode ser capaz de revelar. Aprender, para tanto, como “pensam as imagens” (SAMAIN, 2012), bem como

reconhecer que a massiva circulação delas no mundo atual, exige da antropologia um debate histórico próprio e efetivo que coloque em relevo problemas de alfabetização visual e digital. Assim, ao menos, alguns passos seriam dados no sentido de que as imagens sejam, para o conjunto de nossas sociedades, muito mais reveladoras e transformadoras do que meramente manipulações, distrações ou passatempos concorrentes.

Referências bibliográficas

BANCROFT LIBRARY. *Finding Aid to the Robert Harry Lowie Papers, 1872-1968* (Processed by Marie Byrne and Lauren Lasseben). Berkeley: Online Archive of California, 1997. Disponível em: <<https://oac.cdlib.org/findaid/ark:/13030/tf1k400237/>>. Acesso em: 10 jan 2020.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAZIN, André. “Ontologia da imagem fotográfica”. In: XAVIER, Ismail. *A experiência do cinema: antologia*. Rio de Janeiro: Edições Graal/Embrafilmes, p. 121 ss., 1983.

BENJAMIM, Walter. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. São Paulo: LPM, 2018 [1955].

BERGER, John. *Modos de ver*. Lisboa: edições 70, 1972.

CASTRO, Celso. *Pesquisando em arquivos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CLIFFORD, James & MARCUS, George (Org.). *Writing Culture: the poetics and politics of ethnography*. Berkeley: University of Califórnia Press, 1986.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas/SP: Papirus, 1994.

ECKERT, Cornélia & GODOLPHIN, Nuno.

(orgs.) *Horizontes Antropológicos: Antropologia Visual*, Porto Alegre, UFRGS, n.2, 1995.

ECKERT, Cornélia & MONTE-MÓR, Patrícia (Org.) *Imagem em foco: novas perspectivas em antropologia*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

ECKERT, Cornélia & ROCHA, Ana. “Antropologia da Imagem no Brasil: Experiências fundacionais para a construção de uma comunidade interpretativa”. In: *Iluminuras*, Porto Alegre, UFRGS, v. 17, n.41, p. 277-297. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/64571>. Acesso em: 10 jan 2020.

EDWARDS, Elizabeth. “Rastreado a fotografia”. In: Barbosa, Andrea [et al.]. *A experiência da imagem na etnografia*. São Paulo: Terceiro Nome, 2016. p. 153-190.

FERRAZ, Ana L. C. e MENDONÇA, João M. 2014. (Org.). *Antropologia Visual: perspectivas de ensino e pesquisa*. Brasília: ebooks ABA. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/ppga/?page_id=51. Acesso em: 10 jan 2020.

FLUSSER, Vilém. *A filosofia da caixa-preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Hucitec, 1985.

_____. *O universo das imagens técnicas*. São Paulo: Annablume, 2008.

FRANCE, Claudine de. *Cinema e Antropologia*. Campinas: Unicamp, 1998.

FRANK, L. & HOGELAND, Kim. *First families: a photographic history of California Indians*. Berkeley: Heyday Books, 2007.

HARLAN, Theresa (Org.) *She sang me a good luck song: the californian indian photographs of Dugan Aguilar*. Berkeley: Heyday Books, 2015.

HINE, Christine (Org.) *Virtual methods: issues on social research on internet*. Oxford-New York: Berg Publishers, 2005.

JACKNIS, Ira. “Alfred Kroeber and the photographic representation of California Indians”. In: *American Indian Culture and Research Journal*, v. 20, n.3, 1996, p. 15-32.

_____. “Visualizing Kwakwaka’wakw tradition: the films of William Heck 1951-63”. In: *BC Studies*, n. 125/126, spring/summer, 2000, p. 99-146.

_____. “Looking at culture: Visualizing Anthropology at a University Museum”. In: EDWARD, E. and LIEN, S. (eds) *Uncertain images: Museums and the work of photographs*. Ashgate Publishing, 2014, p. 201-219.

MACDOUGALL, David. *Transcultural Cinema*. Princeton: University Press, 1998.

MACHADO, Arlindo. *A ilusão especular: uma teoria da fotografia*. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

MARESCA, Sylvain. *La Photographie, un miroir des sciences sociales*. Paris: L’Harmattan, 1996.

MENDONÇA, João Martinho. *Os movimentos da imagem da etnografia à reflexão antropológica: experimentos a partir do acervo fotográfico do professor Roberto Cardoso de Oliveira*. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Instituto de Artes, UNICAMP, Campinas/SP, 2000.

_____. “Fotografias de Curt Nimuendaju e de Cardoso de Oliveira entre os Tikuna”. In: *Cadernos de Antropologia e Imagem (UERJ)*, v.14, p.73 - 94, 2002.

_____. *Pensando a visualidade no campo da antropologia: reflexões e usos da imagem na obra de Margaret Mead*. Tese (Doutorado em Multimeios) – Instituto de Artes, UNICAMP, Campinas/SP, 2005.

_____. “O uso da câmera nas pesquisas de campo de Margaret Mead”. In: *Cadernos de*

Antropologia e Imagem (UERJ), n. 22, p. 57 - 73, 2006.

_____. “O Fotógrafo Curt Nimuendajú”. In: *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, Recife/UFPE, ano 13, v. 20, n.1, p. 121-152, 2009. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/artigo:mendonca-2009>. Acesso em: 10 jan 2020.

_____. “O legado de Jean Rouch e a Antropologia Visual no Brasil: algumas notas para histórias ainda não escritas”. In: *O Olho da História*, v.23, p.1-14, 2016. Disponível em: <http://oolhodahistoria.ufba.br/wp-content/uploads/2016/12/joaomendonca.pdf>. Acesso em: 10 jan 2020.

NIMUENDAJU, Curt. *The Eastern Timbira*. (University of California Publications in American Archaeology and Ethnology, 41) Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1946.

_____. *The Tukuna*. (University of California Publications in American Archaeology and Ethnology, 45) Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1952.

NOVAES, Sylvia Caiuby. “O Brasil em imagens: caminhos que antecedem e marcam a antropologia visual no Brasil”. In: MARTINS, C. B. e DUARTE, L. F. D. (Coord.) **Horizontes das ciências sociais no Brasil: Antropologia**. São Paulo: Discurso Editorial/ANPOCS, 2010, p. 457-487.

PEIXOTO, Clarice & MONTE-MOR, Patrícia (Ed.) *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro: UERJ, nº 1, 1995.

PIAULT, Marc. “A antropologia e sua passagem à imagem”. In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro: UERJ, n.1, 1995, p. 23-29.

_____. “Espaço de uma antropologia audiovisual”. In: ECKERT, Cornélia e MONTE-MÓR, Patrícia (Org.) *Imagem em foco: novas perspectivas em antropologia*. Porto Alegre: UFRGS, 1999. p. 13-30.

PINK, Sarah. *Doing visual ethnography*. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage Publications, 2001.

_____. *Doing sensory ethnography*. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage Publications, 2009.

PINK, Sarah et al. *Digital ethnography: principles and practice*. London: Sage, 2015.

PINNEY, Christopher. “A história paralela da Antropologia e da Fotografia”. In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro, UERJ/NAI, n.2, p. 29-52, 1996 [1992].

RIBEIRO, José & BAIRON, Sérgio (orgs.). *Antropologia visual e hipermedia*. Porto: Afrontamento, 2007.

ROCHA, Ana e ECKERT, Cornélia. *A preeminência da imagem e do imaginário nos jogos da memória coletiva em coleções etnográficas*. Brasília: ABA, 2015.

ROUILLE, André. *A fotografia: entre documento e arte contemporânea*. São Paulo: SENAC, 2009.

SAMAIN, Etienne. “No fundo dos olhos: os futuros visuais da antropologia”. In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*, n.6, Rio de Janeiro, UERJ/NAI, 1998, p. 141-158.

_____. “Antropologia Visual e fotografia no Brasil: vinte anos e muitos mais”. In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro, v.21, n.2, p. 115-132, 2005.

SAMAIN, Etienne e MENDONÇA, João. “Entre a escrita e a imagem. Diálogos com Roberto Cardoso de Oliveira”. In: *Revista de Antropologia*, vol. 43, no. 1, São Paulo, USP, pp. 183-236, 2000. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/etienne_samain_unicamp/artigos/. Acesso em: 10 jan 2020.

SEGATA, Jean & RIFIOTIS, Theophilos (Org.).
Políticas etnográficas no campo da cibercultura.
Brasília: ABA, 2016.

VALENTINI. Luísa, “Archives of the Future: Issues for the Custody of Recent Documentation Concerning Indigenous Peoples in Brazil”. In: *History of Anthropology Newsletter* 42, 2018. Disponível em: <http://histanthro.org/notes/archives-of-the-future/>. Acesso em: 10 jan 2020.